

## A MEMÓRIA SOCIAL DE FORTALEZA, EXPRESSA NA LITERATURA

GISAFRAN NAZARENO MOTA JUCÁ\*<sup>1</sup>

A memória sempre esteve presente na história e por isso é reconhecida como infinita, pois penetra em todos os momentos vividos pelo homem, embora nem todos eles sejam considerados aprazíveis de serem resguardados. Por isso a memória é considerada história e, apesar das diferenças indicadas entre ambas, nos parâmetros acadêmicos, há um elo que as acompanha ao longo da evolução do pensamento científico, expressando-se como uma força aproximativa de campos diferenciados, capazes de revelações significativas, valiosas a uma melhor compreensão das contradições presentes ao longo da história.

Razão teve Sócrates, ao reconhecer que

*A memória foi uma dádiva da Mnemósine, a mãe das musas. Sem a memória, ninguém poderia desfrutar o que as filhas dela produziram: todos os sons se esvaeceriam sem jamais serem incluídos numa melodia; todas as palavras de cada poema desapareceriam antes que fosse ouvida a sua rima. (DRAAISMA, 2005:24)*

A identidade dos indivíduos e dos grupos tem suas raízes no passado e a busca de melhores condições de enfrentar o futuro, por mais desolador que seja o presente, deixa claro o papel da memória na compreensão dessa forma de relação que é o tempo, compreendido “como símbolo conceitual de uma operação complexa de relacionamento de diferentes processos evolutivos.” (ELIAS, 1998:41)

Maurice Halbwachs ao definir “memória coletiva” deixou claro que toda memória se estrutura na identidade de grupos, pois cada indivíduo por mais recluso que seja sempre se mantém associado a um determinado grupo social. Entretanto, considerando o período histórico em que sua obra foi produzida, quando os regimes totalitaristas se projetavam como modelos, compreendemos por que

*... concedeu um destaque talvez excessivo à natureza coletiva da consciência social e um relativo desprezo à questão do relacionamento entre*

---

<sup>1</sup> Professor Titular do Curso de História, da Universidade Estadual do Ceará. (UECE)

*consciência individual e colectividades que esses indivíduos efectivamente constituíram (FENTRESS,J.& WICKHAM, s.d.:7)*

Por isso, sem desmerecer a reveladora contribuição de Halbwachs é importante reconhecer o papel de cada um no meio social onde vive e a sua maneira de ser e pensar, que projeta a sua individualidade, além de um modelo coletivo. Como fruto da exposição deste comentário, James Fentress e Chris Wickham utilizam a expressão “Memória Social” como um conceito mais representativo da ação do individual e do coletivo, sem uma sobreposição de uma sobre a outra, mas como partes associados para a compreensão das identidades analisadas. (FENTRESS,J.& WICKHAM,Cris,s.d.:7)

A revelação da memória social se manifesta através de diversas modalidades, seja na história, na literatura, na arte, que diferentes períodos da nossa história. Durante muito tempo essas áreas do conhecimento humano permaneceram dissociadas, como se elas pertencessem a um universo diferenciado, composto por unidades autônomas. Graças ao avanço de interdisciplinaridade, as opções metodológicas permitiram a abertura de outras vias de análise, além dos limites definidores das áreas de conhecimento então reconhecidas.

A Nova História nos abriu as portas a outras possibilidades de análise, quando a carência de conceitos passou a ser suprida pela aproximação teórico-metodológica das ciências humanas. Nessa experiência, a história cultural se apresenta como uma possibilidade de aprofundar esse intercâmbio, sem descaracterizar a sua área, mas possibilitando defini-la como

*... espaço de trabalho...lugar de encontros com vizinhos,convivência coerente com um modo de ver e “arrumar” o lugar que habitamos e a maneira pela qual ali dispomos nossos objetos.(MELLO,2008:17)*

A busca de um campo propício ao uso do conceito Memória Social encontra seu respaldo nas possibilidades ofertadas pela história cultural, que reconhece na literatura a possibilidade de ir mais além do que uma simples ilustração do passado estudado. Na realidade,

*O texto literário lhe vale [ao historiador] como porta de entrada das sensibilidades de um outro tempo, justo como aquela fonte privilegiada que pode acessar elementos do passado que outros documentos não proporcionam. (PESAVENTO,2005:113)*

O reconhecimento do valor da literatura como manancial histórico, revelador de diferentes práticas sociais, manifestou-se de forma tão marcante, entre os profissionais da história, instigando ao surgimento de reconhecimentos radicais, na relação entre história e literatura, como se não possuíssem fronteiras. Hayden White bem o demonstra, nas suas produções, as razões de sua justificativa, que provocou valiosas discussões, que propiciaram um amplo debate historiográfico.

A ênfase dada à narrativa, segundo White, fez romper os limites da história com a ficção literária, levando o historiador a por em prática os mesmos tipos de narrativa e as retóricas, presentes nos relatos, baseados na imaginação. (WHITE, 2001) A resposta a esse desafio foi enunciada por autores, como Roger Chartier e Carl Ginzburg, que reconhecem o valor da prova que se revela no centro das produções históricas. (CHARTIER, 2002:84-85) Os marcos definidores entre Literatura e História lhes parecem claros.

Entretanto, mesmo discordando da questão básica, lançada por White, é importante reconhecer a contribuição de suas análises, como uma oportunidade de melhor compreender o alcance da interdisciplinaridade e as reveladoras marcas dela provenientes. Dois capítulos dessa sua obra nos fazem pensar no enlace viável entre Literatura e História, apesar das fronteiras estabelecidas. (WHITE, 2001:39-63; 97-16) Para Ele, as narrativas históricas são

*... ficções verbais cujas são tanto inventados quanto descobertos e cujas formas têm mais em comum com seus equivalentes na literatura do que com os seus correspondentes nas ciências. (White, 2001:98)*

Na exposição de seus argumentos, Ele recorre a Collingwood, para quem o historiador se apresentava principalmente como um “contador de histórias” e destacava que “a sensibilidade histórica” se fazia presente no seu dom de criar uma história, a partir do relato de fatos selecionados.

Além disso, ressalta que as narrativas históricas se apresentam como um relato dos acontecimentos passados, mas igualmente com o uso de “afirmações metafóricas”, elas vão além da simples “reprodução dos acontecimentos”, pois se apresentam como “um complexo de símbolos”, que nos auxiliam a encontrar uma explicação condizente com as questões levantadas.

Assim, na comparação entre literatura e história, o “real” é apresentado como um interesse comum a ambas e a narrativa histórica é definida como “uma metáfora de longo alcance”. A narrativa histórica não é capaz de reproduzir os acontecimentos descritos, mas os direciona sobre o que devemos pensar a respeito deles. Ela “não imagina as coisas que indica: ela traz à mente imagens das coisas que indica, tal como o faz a metáfora.” (WHITE,2001: 105-108)

Como amostragem desse enlace entre literatura e história, mesmo reconhecendo os limites indicados entre ambas, as obras de ficção, que muito carregam do “real,” se nos apresentam como uma opção metodológica, capaz de nos fazer penetrar além do simples relato de eventos, pois revelam o sentido das experiências vividas, condimentadas com as sensibilidades nelas descobertas, capazes de uma explicação mais originais sobre os temas tratados.

Considerando a literatura como um depósito revelador da “memória social” de diferentes tempos e espaços, a ela recorreremos na tentativa de melhor compreender o processo de urbanização de Fortaleza, no pós-guerra, em um período anterior à criação da SUDENE, onde os impasses urbanos se faziam presentes de forma marcante.

Selecionamos o romance intitulado Aldeota, de Jader de Carvalho, (CARVALHO, 2003:428p) como uma oportunidade de melhor compreender o histórico da capital cearense, naquele período, pois os subsídios, nele contidos, nos remetem a uma realidade social que retrata os contrastes observados no cotidiano de seus habitantes.

O curioso no romance, apesar do título, referente ao principal bairro da cidade, é que nele o cenário urbano pouco é referenciado, ao longo de seus capítulos, como é lavado a pensar o seu leitor. As mansões nele edificadas definiam o valor dos espaços, privilegiados pela elite local, mas que não constituem a temática central das narrativas

apresentadas. Mas outras revelações se apresentam no decorrer do enredo apresentado, relativos à maneira de pensar e de agir de seus protagonistas.

Um relato sobre o histórico do Bairro nos permite melhor compreender o processo de urbanização registrado, quando da valorização de sua área como uma definição do bem viver na capital cearense. Interessante que o nome Aldeota foi tão valorizado na tradição local, que ainda hoje os espaços que a cercam, nele são incluídos, como um sinal do reconhecimento que lhe é atribuído. Dionísio Torres, ou mesmo parte do São João do Tauape, este último um bairro a princípio ocupado pela pobreza e atualmente habitado também por uma classe média, ainda hoje aparecem nos anúncios de jornais, sob a denominação de “a grande Aldeota”.

A princípio os bairros elegantes de Fortaleza eram Jacarecanga e Benfica. Até os anos quarenta, o primeiro figurava como o mais aristocrático. O chamado Palacete do Senhor José Gentil, onde hoje se localiza a Reitoria da Universidade Federal do Ceará, rivalizava com o da família Filomeno Gomes, em Jacarecanga. Em ambos destacavam-se algumas residências, edificadas em estilo europeu. Foi nesse período que a Aldeota começou a ser valorizada, mas a sua área ainda limitava-se ao final da linha de bondes. Uma das primeiras residências, que lhe serviam de referência, foi o Castelo de Plácido Carvalho, um comerciante que o construíra seguindo um modelo florentino, em homenagem a sua mulher, italiana. Até os anos cinquenta o Castelo ainda existia, sendo indicado inclusive, num debate na Câmara Municipal, para residência governamental, embora tal proposta não tenha obtido aprovação.

Antes da valorização da Aldeota como o melhor bairro da cidade, diversas famílias de melhor situação financeira também habitavam a área da Praia de Iracema. A sua área continuou valorizada mesmo após o crescimento da Aldeota e diversas melhorias ali foram efetuadas, como a abertura de uma avenida que de lá partia em direção ao Porto do Mucuripe, que muito demoraria a ser concluído. Mas foi a conclusão desse mesmo porto, que prejudicou parte da antiga praia, danificando algumas residências, em virtude do deslocamento das ondas, provocado pela proteção ao porto pelos arrecifes ali instalados.

Essa obra de implantação do porto e a decorrente destruição de grande parte da antiga Praia de Iracema bem demonstram a contradição observada entre as obras modernizadoras, implantadas na cidade, ante as conseqüências observadas, em virtude de um plano incompleto. O declínio imobiliário de parte dessa praia repercutia na valorização dos novos espaços, ocupados na Aldeota, com a constante subida dos preços dos terrenos disponíveis.

Tornaram-se comuns as reclamações, divulgadas nos jornais, contra o precário serviço de transporte urbano, após a extinção dos bondes e a instalação das linhas de ônibus, que atendiam os diferentes bairros da cidade. Na verdade, se a área era considerada nobre, a maioria dos que ali residiam possuíam seus automóveis, garantia de locomoção de símbolo de um relevante status social. Os automóveis de luxo, como os “Cadilacs” e os “rabos de peixe” definiam a importância dos que neles eram conduzidos. Para expressar uma melhor situação financeira não era suficiente possuir um carro, mas principalmente ser conduzido por um motorista, à disposição da família do seu proprietário.

Mesmo na Aldeota, o traçado inconveniente de algumas de suas ruas dificultava o trânsito. A falta de água encanada e de esgotos era comum em algumas áreas, pois a instalação dos mesmos muitas vezes dependia da iniciativa dos seus moradores. Por isso tornara-se comum a instalação dos “cacimbões” para fornecer a água necessária ao cotidiano, embora nem sempre fosse utilizado para beber, por ser salobra.

Foi a partir do final dos anos cinquenta que a Aldeota passou a representar o bairro escolhido pela classe privilegiada e o novo símbolo de “status social” era morar na Aldeota, classificada como “a área mais grã-fina da cidade”.

Nos anos cinqüenta, o início do asfaltamento na cidade começou por duas ruas do bairro: a Costa Barros, da Aldeota em direção ao Centro da cidade e a Santos Dumont, a sua principal artéria, em sentido contrário. Asfalto era definido como sinal de progresso e o sonho da “metropolização” passou a ser alimentado, conforme se observava nas manchetes dos principais jornais: “o asfalto das ruas de nossa capital ... empresta-lhe o aspecto de grande metrópole em que ela está se transformando a passos largos.”

A chamada “Nova Aldeota” era “...um dos mais belos bairros residenciais do país. Magníficos palacetes, luxuosos bangalôs despontam a todo momento. Os aristocratas da cidade ali se plantaram. Cadilacs, meninos ricos, cercados de babás, brincam nas calçadas.”

Apesar do crescimento súbito, a “metropolização” apenas representava um desejo, pois o provincianismo bem se expressa nesse comentário. Na realidade, a ocupação de diferentes áreas aumentava, mas as condições de vida da maioria da população de Fortaleza eram precárias. As mansões da Aldeota eram construídas e mantidas com os lucros de uma elite, em grande parte dedicada às atividades comerciais, mais favorecidas pelo contrabando do que por uma dinâmica de um mercado comprador.

A explicação ao súbito crescimento da Aldeota é apontada no romance:

*O contrabando anula terrenos baldios e alarga para o nascente o bairro aristocrático de Fortaleza [Aldeota]. Já muda a geografia. Já mudam os horizontes. Aqui e ali, brota do chão aquilo que as estatísticas da fortuna privada jamais poderão explicar: os palácios, as moradas luxuosas, as vivendas nascidas à feição do clima, também brancas, linda e criminosamente brancas. Numa topografia diferente, microgeográfica, Aldeota se personaliza, assume limites certos, cria a sua própria alma, amadurece enfim. O Câmbio negro dos pneumáticos, o subfaturamento da cera de carnaúba, o contrabando de peles silvestres, os incêndios propositais, lucrativos e sem mistério, transformam-se, pela varinha mágica da fraude, num dos bairros mais ricamente famosos de que há notícia em cidades do Brasil. É o bairro dos “terrenos de luxo”, segundo os anúncios dos jornais. (CARVALHO, 2003:325)*

Na verdade, uma incógnita na explicação da origem dos recursos empregados na construção das mansões instaladas na Aldeota era comentada nos jornais da cidade, indicando as precárias condições do porto da cidade e da ausência de fiscais para regularizar a coleta de impostos na cidade. Grande parte das mercadorias comercializadas provinha do contrabando posto em prática por renomados comerciantes. Mas do que as atividades produtivas, conforme se observa no comentário apresentado, era as transações mercantis, que garantiam o florescimento do comércio, exportador e importador, como fonte lucrativa cobiçada.

A valorização dos “produtos pneumáticos” explica-se com o aumento dos carros em circulação na cidade, tanto no setor de transporte urbano, como de

mercadorias, como no atendimento aos carros de passeio, de propriedade particular ou que atendiam os postos de automóveis de aluguel. A cera de carnaúba ainda representava um valor nos produtos exportados, juntamente com os couros comercializados. O autor não justifica as causas dos incêndios registrados, mas podemos associá-los a artimanha de justificar a ausência de comprovantes, relativos aos impostos exigidos.

Conforme ressaltamos, o roteiro do romance revela muito mais do que informações pormenorizadas da configuração do bairro, com a descrição das suas ruas e pontos peculiares ou mesmo ao traçado definidor das propaladas mansões. A tônica dominante nas narrativas apresentadas relaciona-se muito mais com o histórico e a ação dos seus personagens principais: Francisico das Chagas Oliveira, “Chicó” e sua esposa, Catarina Simões de Oliveira, mais conhecida como “Catá”.

No histórico narrado todo um roteiro de grande parte dos acontecimentos, associados ao crescimento populacional da cidade, é apresentado. O forte índice de migração, não só do interior para a capital, mas antes da década de sessenta, que se apresentava no deslocamento de mão de obra ociosa, para o norte do país, onde a borracha oferecia condições de trabalho, apesar das limitações de uma remuneração condigna.

“Chicó” aparece como “almocreve” jovem, nas estradas do sertão cearense, nos municípios de Iguatu e Assaré. Tange animais, no transporte do feijão e do arroz pouco lhe beneficiava, pois o lucro atendia sobretudo os chamados atravessadores. O importante era ter o que comer e beber, evitando o peso da fome tão comum entre os menos favorecidos.

A busca por uma melhor chance de sobrevivência o colocava dentre os milhares de cearenses, que migraram para a Amazônia, em virtude das secas e sonhos com a esperança de melhores dias no “paraíso da borracha”. Com dedicação, aliada à sorte dos que puderam regressar ao Ceará, ele conseguiu chegar à função de gerente de um seringal.

O regresso a Fortaleza transforma o acanhado “Chicó” em um senhor de respeito, dedicado ao comércio exportador. Entretanto, a posição social conquistada não

decorre exclusivamente da experiência vivida no norte, nem de reserva financeira ali adquirida. O seu valioso patrimônio, que lhe permite adquirir um bangalô na Aldeota, foi fruto do “contrabando e da sonegação fiscal”.

À primeira vista tal explicação pode parecer pouco significativa, mas nos faz compreender o real perfil da elite local. Não queremos generalizar tal classificação, mas o histórico de boa parte dos privilegiados com o desenvolvimento do comércio local, sobretudo o exportador, se insere na lista dos beneficiados com as “espertezas do comércio,”

Grande parte do conteúdo apresentado vai muito além do panorama urbano de uma capital em fase de expansão. A ação do almocreve nas suas atividades cotidianas, o panorama social dos núcleos interioranos, onde as contradições da política se expressam na ação repressora dos coronéis, fazem parte dos relatos apresentados.

Nessa abordagem sobre a vida sertaneja há informações reveladoras da formação histórica de Juazeiro do Norte, no Cariri cearense, marcada pela ação do Padre Cícero e de seus romeiros, além dos “fanáticos e cangaceiros,” que não podem ser excluídos do processo de ocupação desse centro urbano.

Outra informação reveladora, nas narrativas apresentadas, é relativa à instabilidade dos empregos, em que se envolveu “Chicó”. Além de almocreve, foi coletor de impostos, seringueiro, “caixeiro de bodega” ourives, fiscal do carregamento de lenha da Light, além de outras ocupações assumidas, dependendo das possibilidades ofertadas.

O emigrante consegue figurar como “dono de uma madeira” em Fortaleza, além de exportador de peles silvestres e de carnaúba, chegando a dirigir uma grande exportadora, alimentada pelo contrabando.

Por sinal, esse histórico da forte marca do contrabando, na expansão do comércio local, nos faz repensar um conceito contraditório, comumente usado para definir a situação social da elite. O uso do termo burguesia é frequente nos comentários apresentados sobre a formação da sociedade brasileira, inclusive a local, como

definidora de uma ação privilegiada dos agentes econômicos, exploradores dos menos favorecidos.

Contudo, acompanhando o histórico presente no curso do romance, como considerar tais elementos da elite local como uma burguesia? A burguesia européia foi audaciosa e empreendedora, considerando as limitações que lhe foram impostas na história urbana de alguns países. Ela não vivia nas expensas do poder público, ou seja, na dependência do saber burlar as exigências legais.

A formação da elite local associa-se a todo um processo, que nos remete a uma particularidade do sistema social implantado. Nele, o público é encarado como uma contingência particular, nas relações registradas, ou seja, o público se confunde com o privado.

Dona “Chicó, “que cursou com proveito a Escola Normal de Belém diplomando-se professora”, escreveu um diário particular, revelador das suas ocupações domésticas e sociais. E é ela quem apresenta a mais definidora narração sobre o perfil de Fortaleza de sua época:

Não minto: estou gostando da cidade...

*Fortaleza não cheira a antiguidade, nem é grave e sisuda como as cidades forradas de azulejos. Filha de portugueses, entretanto não possui sobrados lusitanos. É leve, alegre, clara. ... Do mar, isto é, do navio, Fortaleza semelha um jardim. Mas de perto, sente-se que a nota verde é íntima: oculta-se nos quintais aos olhos dos que passam na rua. ... Os homens não primam pela delicadeza. Não é por causa da seca, pois vejo diariamente, nas praças, nos lugares mais movimentados, homens alegres apesar de vestidos de mescla, calçados de alpercatas, com viagem marcada para o Amazonas, vítimas da fome. ( CARVALHO, 2003 :295-296)*

Antes de residirem na Aldeota, o casal foi morador do bairro do Benfica, assim definido:

*É um cumprido bulevar servido por uma linha de bondes e por algumas de ônibus. Os bondes são velhos, arrastam-se fazendo barulho. Os ônibus, muito sem graça, pecam também pela velhice. Circulam superlotados. Raro o que não é penso e de flandres amassado. (CARVALHO,2003:297)*

A narração sobre o cotidiano prossegue com a identificação dos vizinhos. À direita, uma viúva e dois filhos rapazes e, à esquerda, três solteironas, que passavam o

dia a cochichar. Nunca permaneciam de janela fechada, mas com o postigo entreaberto, permaneciam “numa espreita permanente”. O poder de observação delas era de longo alcance, pois

*Pela brecha, entra-lhes, no entanto, a vida de todo o quarteirão, de todo o bulevar, de todo o bairro. Sabem de tudo as vitalinas!*  
(CARVALHO,ibidem)

A vida de “Chicó” e da esposa tornara-se conhecida em detalhes pelas “alcoviteiras”. Com a desculpa de entrarem na casa do casal vizinho, para vender bordados e rendas, manifestavam a preocupação em conhecer detalhes das suas vidas e “as nossas intenções no Ceará.” Uma cidade onde o vento não deixa de soprar, com suas noites agradáveis, devido à ventilação praieira, com o sabor do peixe do mar, da água de coco e das bananas, “madurinhas e cheirosas” a faziam esquecer Belém, do Pará.

As “rodas nas calçadas” constituíam uma tradição tão antiga como a cidade, presentes no Benfica, mas ausentes no elegante bairro da Aldeota. Para Dona ‘Chicó”, “a roda da calçada vale por uma instituição.Nela tudo se conversa, tudo se advinha, tudo se descobre”. E apresenta uma particularidade: “É uma das maneiras de conhecer Fortaleza sem sair de casa.” A falta de luz não constituía novidade, pois o colapso na Usina do Passeio Público fazia parte da rotina.

A colônia sírio libanesa, a principio muito fechada, dedicava-se ao comércio. Os seus componentes eram chamados de “galegos, árabes ou turcos” e depois “gringos”, como todo estrangeiro.

A casa adquirida na Aldeota lhes dava um destaque especial. De lá se via boa parte da praia. Para o casal e as empregadas, “tem a vastidão do mundo”. Os móveis da sala de visitas, da sala de jantar e dos quartos, além da geladeira, era o que existia “de mais caro e moderno”. O automóvel do casal já não correspondia “com o preço e a riqueza do nosso bangalô. Chico pensa em vendê-lo, para comprar um de melhor marca”. Comerciantes, industriais e banqueiros, “gente do círculo social do meu marido” eram os convidados, que “conversavam, riam, cochichavam em redor da mesa coberta de bolos finos e bebidas caríssimas.”

Grande número de páginas do livro é dedicado à história de vida do casal, onde se ressalta a sua ascensão social. O bangalô, adquirido na Aldeota, constitui a prova da posição social desfrutada. Entretanto, um capítulo do livro é dedicado à “marcha do Pirambu,” revelando o outro lado da cidade. Diversas eram as áreas ocupadas pela pobreza, que haviam surgido em Fortaleza no período de 1930 a 1950, como o Pirambu, o Cercado do Zé padre, o Lagamar, o Morro do Ouro, além de outras aglomerações, que circundavam os bairros mais valorizados. Dessas, o Pirambu teve um destaque especial, não só pelo seu súbito crescimento, reflexo das migrações que se agravavam durante as secas, mas pela ação social do Padre Hélio Campos, responsável pela organização de uma famosa passeata sobre o centro da cidade, Nas palavras do sacerdote,

*Ninguém esperasse atitudes agressivas, atos impensados da parte dos tuberculosos, dos subnutridos, dos maltrapilhos da sua paróquia. Eles desejam apenas armar à vista de todos o contraste entre o subúrbio faminto e a cidade rica de arranha-céus, de palácios, de jardins iluminados, de ruas e praças respiráveis. (CARVALHO,2003:412)*

O “real” do cotidiano urbano, presente na narrativa do “contador de histórias”, Jader de Carvalho, pesa mais forte do que as “metáforas de longo alcance,” considerando as revelações da memória social analisada, onde ficção e realidade não se dissociam.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CARVALHO, Jader. *Aldeota*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003. 1ª Edição data de 1963.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. 2ª. ed. Lisboa: DIFEL, 2002.

DRAAISMA, Douwe. *Metáforas da Memória: uma história das idéias sobre a mente*. Bauru, SP: EDUC, 2005.

ELIAS, Norbert. *Sobre o Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

MELLO, Maria Thereza Negrão de. História Cultural como Espaço de Trabalho. In: KUYUMJIAN, Marcia de Melo Martins & MELLO, Maria Thereza negrão de. *Os espaços da história cultural*. Brasília: Paralelo 15, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2ª. Ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2005.

WICKHAM, Chris & FENTRESS, James. *Memória Social: novas perspectivas sobre o passado*. Lisboa: Teorema, s.d.